

# CONTEXTOS INVESTIGATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROVOCANDO AS POTÊNCIAS DAS CRIANÇAS E DAS EDUCADORAS NO RETORNO

---

## **ELISA DOS SANTOS VANTI**

Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal de Pelotas-UFPeL, [elisa\\_vanti@hotmail.com](mailto:elisa_vanti@hotmail.com);

## **HELENARA PLASZEWSKI**

Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal de Pelotas-UFPeL, [helenara.ufpel@gmail.com](mailto:helenara.ufpel@gmail.com)

## RESUMO

O presente estudo apresenta um levantamento realizado nas propostas de contextos investigativos publicizados nos grupos do Facebook: Práticas Educativas para Crianças de 0 a 3 anos e Práticas Educativas para Crianças de 3 a 6 anos de autoria da Prof<sup>a</sup> Dra Elisa dos Santos Vanti que desde 2012 vem compartilhando propostas de brinquedos, práticas pedagógicas e organização de ambientes e contextos para crianças de 0 a 6 anos em escolas infantis, elaboradas por professoras de Educação Infantil e por acadêmicas das disciplinas Práticas Educativas III e IV do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Aqui os diferentes contextos investigativos selecionados dessa coleção foram organizados em categorias com o propósito de localizar e inspirar professoras e estagiárias que se encontram na eminência do retorno das práticas docentes presenciais e por consequência devem promover a (auto) desconstrução de narrativas e crenças que cristalizam o trabalho docente sob o enfoque da criação de contextos investigativos na educação das infâncias.

**Palavras-chave:** Contextos Investigativos, Formação Docente Na Educação Infantil, Estágio Supervisionado Nos Cursos De Pedagogia Em Tempos De Pandemia.

## INTRODUÇÃO

Importante iniciar a escrita deste texto considerando a atual conjuntura, marcada por uma das maiores pandemias mundiais, provocada pelo vírus Sars-CoV-2, conhecido popularmente como covid-19, que já dura em torno de quase dois anos, sem precedentes na história, que nos assolou, causando um número avassalador de pessoas infectadas e as que vieram a óbito em decorrência dela.

O mundo todo tentou frear o avanço da doença para evitar os numerosos casos de contaminação, através do isolamento social, por isso muitos decretos foram deliberados para o fechamento do comércio, da indústria, das instituições de ensino e entre outras atividades que tinham contato com o público para não gerar aproximações ou aglomerações de pessoas. O que alterou de forma drástica a rotina de vida, o modo de ser e fazer docência, privando-nos do convívio social.

Em se tratando da educação, em especial, de escolas infantis no estado do Rio Grande do Sul, elas foram fechadas e as crianças ficaram em casa, privadas do convívio com outras crianças, e os professores precisaram se “reinventar”, encontrando maneiras de estabelecerem e manterem vínculos com as crianças e suas famílias, ao mesmo tempo que empreenderam uma caminhada em busca de outras aprendizagens porque não existia referenciais teóricos, estudos ou experiências anteriores de professores que vivenciaram este cenário ao longo de sua vida profissional para servir de parâmetro a essa nova situação.

A nova realidade das escolas infantis fechadas teve igual impacto nos estágios supervisionados das acadêmicas do curso de Pedagogia que optaram pela Educação Infantil como lugar de sua prática docente. Foi necessário que também o estágio fosse “reinventado” e para isso ele cedeu lugar à pesquisa de mapeamento sobre a “Educação Infantil na pandemia”. Essa pesquisa teve início tão logo à pandemia interrompeu os estágios supervisionados presenciais. Todas as fases dessa pesquisa realizadas até o momento foram sendo publicadas em um blog criado pelas professoras orientadoras, intitulado - Pantográfica (<https://edinfantilufpel.wixsite.com/pantografica>). O blog Pantográfica conta com a contribuição de crônicas, vídeos, *podcast* e estudos investigativos das acadêmicas estagiárias das turmas de 2020 e 2021.

Atualmente, devido ao decrescente número de contágios e por conta da vacinação dos professores de Educação Infantil, as escolas infantis começam a retornar gradativamente e de forma escalonada aos seus atendimentos presenciais às crianças e às suas famílias. Com isso também a pesquisa passou a sofrer mudanças de percurso. Nessa fase da investigação o mapeamento sobre a Educação Infantil na pandemia cedeu lugar a realização de alguns ensaios de prática docente, ainda que apenas através da ação direta das professoras titulares com as crianças, numa abordagem de docência compartilhada.

Uma das atividades possíveis elaboradas para a atuação das estagiárias de forma mais próxima das escolas e das professoras foi a ação intitulada - “Oficinas de Observação Participante”. Nessa atividade as estagiárias foram desafiadas a criarem, juntamente com as professoras titulares das turmas das escolas infantis parceiras, contextos investigativos para as crianças no retorno. Como forma de observação e escuta para a criação dos contextos investigativos serão produzidos vídeos com imagens do brincar cotidiano das crianças que estão frequentando a escola (EDWARDS, GANDINI e FORMAN, 2015) A partir desses vídeos e de informações adicionais trazidas pelas professoras titulares, os “trios educativos” - formados por uma professora titular e duas estagiárias - interpretarão as imagens e planejarão os convites à exploração registrando-os sob a forma de croquis e/ou maquetes. Após se sentirem satisfeitas com seus projetos, os “trios educativos” passarão a executar a organização do arranjo ambiental elaborado e farão observações participantes sistemáticas das crianças brincando, procedendo a documentação da interação delas com as propostas (FOCHI, 2019).

Assim que o presente trabalho procura trazer uma síntese teórico-prática sobre o conceito de contextos investigativos e os seus estilos mais populares como resultado de um levantamento prévio feito em publicações compartilhadas em grupos nas redes sociais que tenham a finalidade de divulgar brinquedos, materiais pedagógicos, arranjos ambientais e contextos investigativos inspiradores para as crianças de 0 a 6 anos de idade. Desse modo, o presente estudo servirá de material de apoio às professoras e às acadêmicas estagiárias na tarefa de elaboração de seus contextos investigativos para as crianças nesse momento de retorno escalonado da Educação Infantil ao presencial. O texto com as informações aqui organizadas serve de mais um suporte para o planejamento da intencionalidade educativa implícita aos contextos investigativos a serem oferecidos às crianças.

## METODOLOGIA

O estudo está alicerçado nos pressupostos da pesquisa qualitativa tendo como fonte a pesquisa bibliográfica e o mapeamento em nível exploratório (SEVERINO, 2016) com a intenção de suscitar elementos significativos para pensar um trabalho pedagógico educativo de acolhimento na “Educação Infantil do retorno”, através da proposta de construção de contextos investigativos que envolvam as crianças em experiências exploratórias significativas. Quanto a opção epistemológica pela abordagem qualitativa, esta pesquisa tem por subvenção identificar as peculiaridades e possibilidades das práticas pedagógicas por, considerando as situações inerentes ao período excepcional e o retorno dele, que poderão suscitar elementos significativos para pensar as atividades profissionais e a formação de futuros professores.

Partindo dessas premissas, acredita-se na riqueza da investigação e, por conseguinte, contribuição à área. Criar ou pensar novas práticas, que poderão motivar igualmente outros professores que estão vivenciando o momento de retorno gradual às atividades presenciais tantos nas escolas infantis quanto nos estágios supervisionados. Além do compromisso social da pesquisa, que é o de fornecer subsídios e olhares à prática e formação de futuros profissionais da Educação Infantil.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mas antes disso é preciso que se pergunte: o que são, afinal de contas, os contextos investigativos e quais seus princípios e inspirações originais?

Para começar a responder essas questões é preciso retroceder no tempo. Desde os primórdios das pedagogias participativas para as infâncias (ainda na segunda metade do século XIX) que os ambientes na Educação Infantil já eram pensados como sendo a expressão das propostas educativas que garantiam as experiências das crianças nas suas múltiplas áreas curriculares, o direito delas à aprendizagem significativa e situada e ao cuidado acolhedor, ao espaço e aos materiais para as brincadeiras, para as interações positivas e para a expressão e a comunicação de ideias, sentimentos e ações entre elas próprias e entre elas e os adultos (OLIVEIRA-FORMOSINHO e KISHIMOTO, 2002).

Igualmente, a educadora Maria Montessori desde 1907, com a fundação da “Casa dei Bambini” (MONTESSORI, 2021), já defendia a precisão

fundamental de um ambiente preparado na Educação Infantil que reconhecesse e acolhesse a motivação intrínseca das crianças para aprender. Assim, na educação montessoriana já existia o entendimento de que as descobertas que as crianças fazem sozinhas, em um ambiente preparado geram nelas, um “maravilhamento” e cultivam em seu interior uma predisposição positiva para “aprender mais” (KATZ e CHARD, 2009).

Mais recentemente, em meados dos anos 90 (noventa) do século XX, o pedagogo italiano Loris Malaguzzi (1920 - 1934), idealizador do projeto de escolas infantis da região de Reggio Emilia na Itália, reconhecido internacionalmente por sua qualidade (DAHLBERG, MOSS e PENCE, 2003), sintetiza essa ideia de ambiente preparado, trazido por Montessori (1870 – 1952), afirmando que: o “ambiente educa” (HOYUELOS, 2020). Para Malaguzzi, o ambiente educativo também deve documentar, registrando a identidade e a história do grupo e dos grupos que nele interagem (FOCHI, 2019) – as suas experiências, seus modos de se organizar, suas memórias, suas projeções tornando visíveis e compartilhadas as suas ações e as suas aprendizagens. Por isso, o espaço deve se abrir para ser marcado pelas marcas do tempo e pelas marcas desse “estar junto”. Esse “estar junto” inclui o clima, a atmosfera emocional, o tom dos sentimentos, das relações complexas e intersubjetivas do grupo. Uma atmosfera que parece ter um efeito residual porque se pode conseguir percebê-la ou lê-la até mesmo quando ninguém está ocupando os espaços, só de olhar a disposição das mobílias, dos objetos e as marcas nas paredes, etc.

Acrescenta-se a tudo isso o fato de que, a fim de provocar as potências das crianças que investigam, o ambiente deve proporcionar através de arranjos organizados com intencionalidade - convites à exploração – amplificando a experiência de investigação através da exposição de materiais, cuidadosamente selecionados e esteticamente dispostos, que atraiam as crianças e as envolvam em um mundo de maravilhas e de descobertas (HOYUELOS e RIERA, 2019). Esses convites também são conhecidos na abordagem italiana como contextos investigativos, neles, na medida em que as crianças interagem, o educador observa e documenta os interesses manifestos, o pensamento criativo expresso nas teorias provisórias que emergem e o aprendizado que as crianças vão conquistando por si mesmas (RESNICK, 2020).

Mas não basta apenas descrever, no trabalho com contexto é preciso inspirar-se. Essa inspiração vem dos estudos teóricos e da imersão em estudos de imagens compartilhadas pelas colegas professoras de

Educação Infantil que buscam traduzir para sua prática essa abordagem. Essas imagens encontram-se pulverizadas em muitos sites de escolas infantis, professoras de Educação Infantil, blogs especializados, grupos de redes sociais como facebook e instagram, etc. Aqui, algumas possibilidades de contextos investigativos foram organizadas e reunidas em categorias. Essas categorias foram levantadas a partir de uma coleção de imagens feitas pela Profª Drª Elisa dos Santos Vanti que desde 2012 compartilha em seus grupos do Facebook brinquedos, propostas e contextos. Os grupos são: Práticas Educativas para Crianças de 0 a 3 anos – (<https://www.facebook.com/groups/215060988652753>) e Práticas Educativas para crianças de 3 a 6 anos – (<https://www.facebook.com/groups/184786681702126>) cujas imagens serão aqui usados como acervo para futuras consultas de professoras e de estagiárias.

Os diferentes contextos investigativos selecionados e classificados foram distribuídos nas seguintes categorias:

1. **Contextos Investigativos para convidar à exploração das linguagens expressivas;**
2. **Contextos Investigativos para convidar à exploração de aprendizagens mais específicas em *literacy* e *numeracy*;**
3. **Contextos Investigativos para convidar à exploração de elementos e substâncias usando a bancada e utensílios de cozinha e a Bandeja de Experimentação;**
4. **Contextos Investigativos para convidar à exploração da imaginação com o Mini Mundo;**
5. **Contextos Investigativos para convidar à exploração do jogo heurístico e da construção com materiais manipulativos (Loose Parts);**
6. **Contextos Investigativos para convidar à exploração da natureza, dos ciclos da vida, das plantas e dos animais;**
7. **Contextos Investigativos para convidar à exploração dos fenômenos físicos;**
8. **Contextos Investigativos para convidar à exploração multicultural.**

Mas do que se trata cada um dessas categorias de contextos investigativos apresentadas? Passamos agora a ilustrar essas categorias, uma a uma e a descrevê-las brevemente acrescentando um exemplo visual para demarcar sua especificidade.

## 1. Contextos Investigativos para convidar à exploração das linguagens expressivas

Nesse tipo de contexto investigativo a criança encontra a sua disposição uma organização de materiais que possibilitem criação através de uma diversidade de suportes, superfícies, substâncias, elementos de aplicação que podem ser combinados de múltiplas maneiras. A educadora também pode se inspirar em propostas mais definidas de arte para crianças que as levem a explorar o desenho, a pintura, a modelagem, a colagem, a escultura, deixando a disposição uma organização de elementos focada em uma proposta de arte em particular Tais como nas imagens abaixo: pintura usando conta-gotas; fazendo marcas com pigmentos naturais ou fazendo instalações tridimensionais usando barbante e papel machê. Propostas que atraíam e inspirem (GADINI, HILL, CADWELL, SCHWALL, 2019).

**Fig 1:** Explorando a materialidade dos suportes, superfícies, substâncias, elementos de aplicação



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

## 2. Contextos Investigativos para convidar à exploração de aprendizagens mais específicas da *literacy* e *numeracy*

Os contextos que convidam à exploração de aprendizagens específicas da *literacy* podem trazer desde arranjos que identificam letras dos nomes das crianças da turma até contextos de escritas espontâneas de fatos ou partindo de livros de histórias infantis, enquanto que os contextos investigativos que convidam à exploração da *numeracy* são organizados de forma a focalizar nas possibilidades de pesquisa de materiais manipulativos que levem a classificar, contar, seriar, ordenar, relacionar, somar, subtrair, dividir e multiplicar concretamente (RABITTI, 1999).

Fig. 2: Provocando a leitura, a notação e a escrita espontânea



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

Fig 3 : Provocando a classificação, seriação e contagem



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

### 3. Contextos Investigativos para convidar à exploração de elementos e substâncias usando a bancada e utensílios de cozinha e Bandejas de Experimentação

#### *Bancadas e utensílios na caixa de areia*

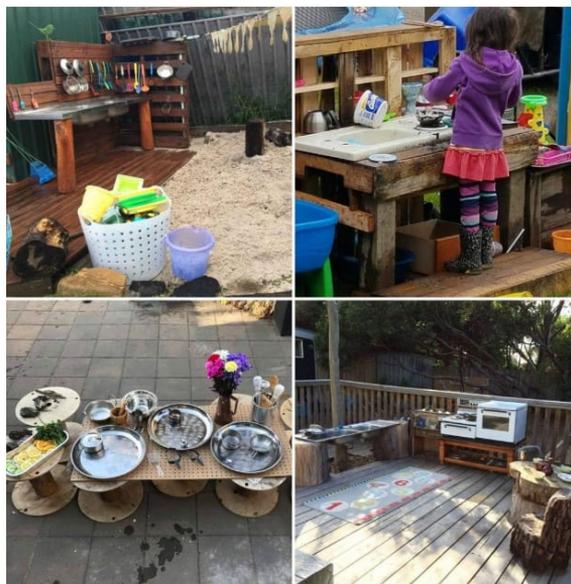
Num contexto investigativo que usa a bancada de madeira improvisada em ambiente outdoor (ao ar livre) com muitos utensílios e próximo de

areia, água, pedras pequenas o objetivo é convidar as crianças a misturar os elementos e experimentar as transformações que podem resultar dessas experiências (GOLDSCHMIED e JACSON, 2012).

### ***Bandejas de Experimentação***

São contextos trazidos pelos seguidores dos Jogos Heurísticos. As Bandejas de Experimentação São também chamadas de Jogo Heurístico por Bandeja (CASTILLA, CABRERA, 2015). Trata-se de organizar bandejas colocadas ao alcance das crianças sobre mesas compatíveis com as dimensões infantis. Algumas dessas bandejas devem conter matérias contáveis (pequenos objetos como grãos, contas, pompons de lã, etc) e outras bandejas devem conter materiais incontáveis (grãos, areia, farinhas, entre outros) como apoio deve-se colocar a disposição uma terceira arrumação em uma mesa que deve conter muitos utensílios para as crianças manusearem as Bandejas de Experimentação, tais como: peneiras, pegadores de massa, colheres, funis, potes, coadores, etc. (FOCHI, 2018).

**Fig 4:** Provocando experiências táteis e de transformação de substâncias



**Fonte:** <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

**Fig 5:** Provocando experiências táteis e de transformação de substâncias - bandejas de experimentação



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

#### 4. Contextos Investigativos para convidar à exploração da imaginação com o Mini Mundo

Os Mini Mundos são recriações de espaços geográficos com animais e personagens tridimensionais em miniatura que levam às crianças a experimentar a multissensorialidade e a imaginação, pois, esse contexto cria um cenário onde a criança pode se transportar sua consciência, projetando ali pensamentos e sentimentos. O Mini Mundo por vezes, é baseado em interesses já manifestos pelas crianças e sua proposta é amplifica-los através do jogo simbólico (DAVIES, 2021).

**Fig 6:** Provocando o pensamento imaginativo e simbólico através dos mini mundos



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

## 5. Contextos Investigativos para convidar à exploração do jogo heurístico e construção com materiais manipulativos

### *Jogo Heurístico*

Inspirados no trabalho da educadora e pesquisadora da área da educação infantil com bebês e crianças pequenas Elinor Goldschmied (1910 – 2009). O vídeo datado de 1991 - *I don't Need Toys* - produzido por Anitta Hughes em parceria com Elinor Goldschmied apresenta a proposta do Jogo Heurístico. O Jogo Heurístico trata da organização de contextos onde a professora arranja esteticamente algumas combinações de materiais não estruturados em diferentes tapetes ou esteiras. As crianças se dividem nos espaços demarcados e interagem explorando as possibilidades dos materiais: tantos suas propriedades quanto suas possibilidades de combinação (GOLDSCHMIED e JACKSON, 2012).

### *Construção com Materiais Manipulativos: Loose Parts*

É uma proposta inspirada no trabalho do arquiteto escocês Simon Nicholson (1934 – 1990) que escreveu um artigo revolucionário (NICHOLSON, 1971) que atestava a potência criativa e inovadora das conexões de partes soltas que ordenadas formam um todo. A proposta de *Loose Parts* trata-se de uma coleção de materiais não estruturados naturais ou criados pelo homem, organizada por espécies que fica a disposição das crianças para que elas combinem livremente as peças soltas formando seus próprios cenários envolvendo-se em um jogo de construtividade e imaginação (DUDOVİK e CIPPITELI, 2019).

Fig 7: Provocando o jogo heurístico



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

Fig 8: Provocando a construção livre com materiais manipulativos – loose parts



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

## 6. Contextos Investigativos para convidar à exploração da natureza dos ciclos da vida, das plantas e dos animais

Esses contextos buscam trazer arranjos que provoquem ações diretas das crianças com elementos e com variadas combinações de elementos coletados em ambientes da natureza. Alguns equipamentos podem ser inseridos para intensificar essa pesquisa tais como: lupas, lentes, potes, espelhos, réplicas, livros ricos em ilustrações sobre o tema proposto no contexto, pranchetas e materiais para fotografar e anotar (TIRIBA, 2018).

Fig.9: Manipulando e criando com elementos naturais



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

## 7. Contextos Investigativos para convidar à exploração dos fenômenos físicos

Fenômenos físicos fascinam as crianças pequenas porque elas se empenham em criar teorias provisórias para aquilo que elas acreditam dar sentido a experiência que estão vivenciando, ao interagirem com essa categoria de contexto. Experiências com magnetismo, com densidade, gravidade, peso, equilíbrio, luz, sombra, projeções, entre outros, são potencialmente interessantes e podem ser vivências estruturantes de projetos em longo prazo (OLSSON in ABRAMOVICH e TEBET, 2019).

**Fig. 10:** Provocando com fenômenos físicos (magnetismo, densidade, equilíbrio, peso)



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

**Fig 11:** Provocando com luz natural, sombras, objetos translúcido, opacos, mesas de luz e projeções.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

## 8. Contextos Investigativos para convidar à exploração Multicultural

Nesse tipo de contexto, o educador pode recriar nichos que tragam objetos livros ilustrados, utensílios, aparelhos, culinária, outros detalhes para compor um contexto temático que leve as crianças experimentarem aspectos relativos a sua cultura ou a outras culturas diferentes da sua. Pode-se também problematizar através de contextos multiculturais questões relativas a gênero, etnia, sexualidade buscando uma ética antissexista, antirracista e não preconceituosa. É possível trazer para o contexto investigativo multicultural arranjo baseado em festividade comunitária que faça sentido para as crianças e suas famílias promovendo o estreitamento do sentimento de pertencimento para alguns e de acolhimento a diversidade para outros (CORSARO, 2011).

Fig 12: Provocando experiências com múltiplas culturas



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/184786681702126>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode uma voz interior ou mesmo outras pessoas da escola ou fora dela afirmarem que essa abordagem de contextos é difícil de ser vivenciada nas escolas infantis, com as famílias e as crianças que temos. Esse sentimento nosso ou de outras pessoas vale algumas reflexões sobre o que é mais difícil ou o que é mais fácil no trabalho docente com crianças na Educação infantil. Será mais difícil ou mais fácil centralizar as atividades na condução do adulto que se esforça para fazer com que todos façam as mesmas coisas, do mesmo modo, usando os mesmos materiais, da mesma forma, para obter o

mesmo resultado do que navegar na lógica e na sinergia das crianças oferecendo a elas propostas de contextos investigativos nos quais elas possam escolher interagir com liberdade, se envolver na resolução de problemas e em pequenos projetos, se relacionarem e se sentirem apoiadas em suas ações e pesquisas? É preciso acreditar com a certeza da convicção de que o trabalho com contextos investigativos não é um trabalho difícil para a educadora, ao contrário, ele é uma prática fácil porque acontece de maneira fluída, respeita o direito das crianças de se engajarem em suas próprias explorações vindas ao encontro do seu modo de ser, estar, pensar e agir (MARTINI, MUSSINI, GILIOLI e RUSTICHELLI, 2020).

É preciso abandonar a ideia de que criar contextos é uma prática que não se aplica à realidade atual das escolas infantis públicas brasileiras. Hoje, mesmo em nosso país, no interior do sistema público de Educação temos mais condições de recursos econômicos e humanos para viabilizar essas propostas nos cotidianos de nossas escolas do que os autores fundadores da maioria das pedagogias participativas tiveram quando as criaram pois, boa parte delas emergiram em países que estavam economicamente devastados e em períodos socialmente difíceis. Nessas condições podemos citar como, por exemplo, os surgimentos das abordagens Pikler – Loczi, Reggio Emilia e do Brincar Heurístico de Elinor Goldschmied (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2017), que encontram suas origens na Europa do pós Segunda Guerra Mundial. Ao examinar esses casos pode-se dizer que ao contrário, o sentimento de aniquilamento impulsionou a fértil criação dessas propostas que se colocavam na contramão do *establishment* operado pela cultura escolar tradicional (VECCHI, 2017).

Criar contextos investigativos ou ainda “convites para brincar” que obviamente levam à aprendizagem, é uma maneira prática simples de envolver as crianças em um processo complexo que pressupõe o uso de uma diversidade de materiais manipulativos e que mobiliza as suas múltiplas combinações. Eles oferecem às crianças uma excelente oportunidade de dirigirem, elas próprias, suas brincadeiras, seguindo os seus interesses, ao mesmo tempo em que interpretam o mundo ao redor, buscando dar sentido às suas experiências, consolidando sua construção de identidade e de pertencimento, amplificando sua relação com o outro, intensificando as oportunidades de praticar a sua linguagem e aprofundar seu conhecimento de mundo, e com tudo isso liberando um forte sentimento de inteireza e conexão (AGUILLERA, CABANELLAS E RUBIO, 2020).

Então definitivamente, é preciso abandonar a crença de que não se pode trabalhar com contextos porque não se tem um orçamento que viabilize essa prática com qualidade. Ao realizarem uma coleção de imagens de contextos dos mais variados tipos é possível constatar a presença de materiais simples facilmente obtidos através de doações, como por exemplo: caixotes de madeira, tocos de troncos de árvores, carretéis grandes de madeira e outros materiais despojados que servem como mobília. Comece procurando e organizando uma coleção de materiais simples, mas significativos para usar em conjunto em seus “convites para brincar”. Olhe para o que você tem ou pode juntar partindo de materiais que derivam de seu consumo doméstico e pense em como você pode apresentá-los ou usá-los de maneiras diferentes em seus contextos. Vizinhos, parentes, amigos e as famílias das crianças podem possuir um tesouro de itens dos quais não precisam mais, preciosos materiais manipulativos esperando para serem doados à sua “causa” e assim, serem reutilizados de forma lúdica. Não se intimide, arrecade doações e não esqueça “trata-se de uma singela coleção e não de volumosa acumulação” (FOCHI, 2018).

Paralelamente é preciso cultivar em si uma disponibilidade para colecionar. Colecionar é diferente de simplesmente juntar itens de forma aleatória, acumular. Colecionar demanda critério e seletividade. O colecionador cuida de cada item, cataloga, classifica, registra e os dispõe de forma ordenada respondendo a um determinado código de organização. Quando expõe os itens colecionados a outros o colecionador o faz de forma que o conjunto harmônico seja atraente, belo, interessante, instigante e provocativo. Assim num primeiro momento, deve se comportar o educador quando se propõe ao trabalho com contextos investigativos. No entanto, a instalação criada pela educadora só terá propósito para criança ela poder ser desalinhada e moldada com autonomia pelas crianças. Para formar a coleção para os contextos deve-se tentar usar tantos recursos abertos quanto forem possíveis, mas, também se pode incorporar itens estruturados como brinquedos preferidos e personagens que completam a ideia proposta no contexto investigativo mas, sempre mantendo-os em minoria (GOLDSCHMIED e JACKSON, 2012).

Na criação dos contextos use espaços claramente definidos. Não é preciso usar uma mesa inteira pode-se usar uma bandeja, algumas bacias juntas no chão, uma grande pedra, um local com sombra embaixo de uma árvore, um pedaço de carpete no chão, uma esteira, um caixote de frutas, etc. O espaço claramente demarcado ajuda a criança a entender a proposta do contexto e concentrar seus esforços em recriá-lo. É fundamental para

abordagem que a educadora ofereça pelo menos três propostas de contextos para que as crianças possam se distribuir entre os diferentes convites de forma democrática. Não se limite a um único contexto de cada vez, não é porque você configurou um popular “convite para brincar” que todas as crianças vão querer fazê-lo. Tenha opções para as crianças se distribuírem conforme suas afinidades e preferências. Além disso, apresentar uma única opção mesmo sendo de um contexto onde as crianças possam construir livremente a partir dos materiais disponíveis, não é uma atitude democrática. Para ser democrático e participativo na proposição da experiência, as crianças precisam ter opções, ainda que limitadas, para escolher entre as possibilidades de contextos (OLIVEIRA-FORMOSINHO e PASCAL, 2018).

No momento de interação entre as crianças a partir do contexto, o educador precisa se colocar de forma a observar as crianças brincando: ouvir as conversas, pensar nas perguntas que as crianças estão fazendo e depois trazer seus registros para o seu planejamento pensando juntamente com sua dupla educativa como vai estender e sofisticar a investigação das crianças a partir do que observou oferecendo, por exemplo, outros adereços, instrumentos adicionais, incorporando livros temáticos com ilustrações, fantoches de feltro, fotos, cartões, etc. (MARTINI, MUSSINI, GILIOI e RUSTICHELLI, 2020).

Não force, não sugira, não direcione a exploração das crianças e não elogie. A exploração é delas. O elogio também é uma forma de direcionamento e causa dependência psicológica na criança em relação à aprovação da educadora a tudo que ela fizer, esse vício no elogio esvazia o prazer da criança na brincadeira, retira o foco da criança na descoberta e ela deixa de se mover por uma motivação intrínseca e passa a precisar de uma motivação que venha de fora dela para acionar uma iniciativa. Nesse caso, o prazer e a concentração são redirecionados à uma frágil e nem sempre possível recompensa externa calcada em agradar outra pessoa que não a si mesma, o que leva a criança a um comportamento submisso e a um sentimento de angústia permanente. A roda de conversa que se fará com o grupo logo após a brincadeira é o momento indicado para se realizar feedbacks específicos centrados nas descobertas que aconteceram durante a experiência com os contextos. Na roda de conversa, a educadora poderá promover um diálogo para que a própria criança faça uma autoanálise em relação as suas ações, sentimentos e aprendizagens e contribua igualmente com as reflexões dos demais (DAVIES, 2021). Diante de tudo isso é urgente que, além de se conhecer contextos investigativos possíveis, o esforço da professora

e da estagiária deve igualmente recair na promoção de uma profunda (AUTO) DESCONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS E CRENÇAS QUE CRISTALIZAM O TRABALHO DOCENTE SOB O ENFOQUE DA CRIAÇÃO DE CONTEXTOS INVESTIGATIVOS NA EDUCAÇÃO DAS INFÂNCIAS.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. e TEBET, G. **Infância e Pós Estruturalismo**. São Carlos; Pedro e João Editores, 2019.

AGUILLERA, M. I. C.; CABANELLAS, M. C. E., CABANELLAS, J. E. e RUBIO, R.P. **Ritmos Infantis**: tecidos de uma paisagem interior. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

CEPPI, G. e ZENI, M. (org). **Crianças, Espaços, Relações**: como projetar ambientes-para a Educação Infantil. Porto Alegre: Penso Editora, 2013.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: ArtMed, 2019.

DAHLBERG, G; MOSS, P. e PENCE, A. **Qualidade na Educação da Primeira Infância**: perspectivas pós - modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DAVIES, S. **A Criança Montessori**: guia para educar crianças curiosas e responsáveis. SP: NVerbo Editora, 2021.

EDWARDS, C.; GANDINI, L. e FORMAN, G. **As Cem Linguagens da Criança**: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância, 2015.

FOCHI, P. S. (org). **O Brincar Heurístico na Creche**: percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil: OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos GOLDSCHMIED Pedagógicos, 2018.

FOCHI, P. S. **A Documentação Pedagógica como Estratégia para a Construção do Conhecimento Praxiológico**: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2019.

GADINI, L.; HILL, L; CADWELL, L.; SCHWALL, C. **O Papel do Ateliê na Educação Infantil**: a inspiração de Reggio Emilia. PoA: Penso, 2019.

GOLDSCHMIED, E e HUGHES, A. I Don't Need Toys. Vídeo, 1991. Disponível em <<https://youtu.be/kaLhn02jYgs>> Acesso em: 13 de out 2021.

GOLDSCHMIED, E. e JACSON, S. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. Porto Alegre: ArtMed, 2012.

HOYUELOS, A. E RIERA, M. A. **Complexidade e Relações na Educação Infantil**. Phorte Editora, 2019.

HOYUELOS, A. **A Estética no Pensamento e na Obra Pedagógica de Loris Malaguzzi**. SP: Phorte Editora, 2020.

KATZ, L. e CHARD, S.. **A Abordagem por Projetos na Educação da Infância**. Portugal: Galouste Gulbekian, 2009.

MARTINI, D.; MUSSINI, I.; GIOLI, C.; RUSTICHELLI, F. (org.). **Educar é a Busca de Sentido**: aplicação de uma abordagem projetual na experiência educativa de 0-6 anos. São Paulo: Editora Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil, 2020.

MONTESSORI, M. **Mente Absorvente**. SP: Kirion Editora, 2021.

NICHOLSON, S. **How not to Cheat Children**: The Theory of Loose Parts. L.A. p. 30- October, 1971. In: <Imagination-Playground-Theory-of-Loose-Parts-Simon-Nicholson.pdf > Acesso em: 13 de out 2021.

OLIVEIRA-FORMOSINHO J. e KISHIMOTO, T. M. **Formação em Contexto**: uma estratégia de integração. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.(org.). **Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche**. Porto: Porto Editora, 2017.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. e PASCAL, C. Documentação Pedagógica e Avaliação na Educação Infantil: um caminho para a transformação. PoA: Penso Editora, 2018.

RABITTI, G. **A Procura da Dimensão Perdida**: uma Escola de Infância de Reggio Emilia. PoA: Art Med, 1999.

RESNICK, M. **Jardim de Infância para a Vida Toda**: por uma aprendizagem criativa mão na massa e relevante para todos. PoA: Penso Editora, 2020.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como Direito a Alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. RJ: Paz e Terra, 2018.

VECCHI, V. **Arte e Criatividade em Reggio Emilia**; Explorando o Papel e a Potencialidade do Atelier na Educação da Primeira Infância. Phorte Editora, 2017.